

A solidão imortal dos vampiros

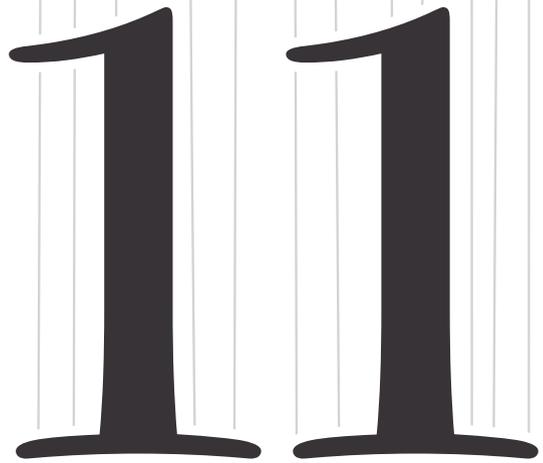
The loneliness of immortal vampire

Márcio de Lima Dantas

*Professor de Literatura Portuguesa da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN*

Doutor em Literatura

7marciodantas7@gmail.com



Resumo

O mito do vampiro encontrou no século XX um substrato sócio-antropológico que o fez não apenas revigorar-se, mas sobretudo engendrar novos arranjos e adquirir uma feição com contornos extremamente marcados, integrando o conjunto dos principais mitos que constelam o patrimônio imagético do ocidente. Com efeito, o onirismo do mito do vampiro foi bastante tonificado nos últimos cem anos. Revigorado e modalizado de diversas maneiras e em diversos meios, permaneceu preso à aura simbólica da lenda surgida na Transilvânia e recriada literariamente na obra de Bram Stoker (séc. XIX). Sem dúvida, o vampiro e suas imagens encontram-se impressas na geografia física e inconsciente, fincando-se como um dos mais populares dentre a inumerável plêiade de seres imaginários que “atuam” nas mentes dos ocidentais. O mito do vampiro pode compreendido como a fábula dos nossos dias, narrativa capaz de ilustrar com propriedade a solidão na qual a maioria, de alguma maneira ou de outra, está envolvido. Se cada época elege seus mitos, com certeza o vampiro integra a ruma de signos personificadores desse homem solitário, mormente nas grandes metrópolis, com sua vida ancorada na pressa e na ausência de tempo para si e para o outro. Do final do século XX para início do XXI, surgiu uma enorme quantidade de filmes, articulando o mito do vampiro de diversas formas, inclusive por meio de comédias. Alguns logo se tornaram clássicos

Palavras-chaves: Imaginário. Mito. Vampirismo

Abstract

The vampire myth has encountered in the twentieth century a socio-anthropological substrate that did not just reinvigorate itself, but rather engender new arrangements and acquire a very marked feature contoured, integrating all the major myths that spangle the heritage of Western imagery. Indeed, the oneirism of the vampire myth was quite toned in the last hundred years. Reshaped and reinvigorated in various ways and in various means, remained attached to the symbolic aura of legend that arose in Transylvania and recreated in the literary work by Bram Stoker (nineteenth century).

Undoubtedly, the vampire and his images are printed on physical geography and unconscious, digging up as one of the most popular pleiad among the countless host of imaginary beings "acting" in the minds of Westerners. The vampire myth can understand how the fable of our times, able to illustrate with loneliness propriety in which most, somehow or another, is involved. If each era chooses its myths, surely the vampire integrates the heads of signs impersonators this lonely man, especially in the big metropolis, with its life anchored in haste and without time for themselves and for each other. The late twentieth century to the beginning of the century, came a slew of films, articulating the vampire myth in many ways, including through comedies. Some are become classics very fast.

Keywords: Imaginary. Myth. Vampirism.

*Mais sangue, mais seiva
para a terra negra!
A festa é de púrpura?
Quereis sangue rubro?
Tomai-o dos poetas
que se retemperam,
as líras ao fogo.*

(Henriqueta Lisboa)

Lua: ergue-se ao crepúsculo

O mito do vampiro encontrou no final do séc. XX e início do XXI um substrato socioantropológico que o fez não apenas se revigorar, mas, sobretudo, engendrar novos arranjos e adquirir uma feição com contornos extremamente marcados, integrando, em definitivo, o conjunto dos principais mitos que constelam o patrimônio imagético do ocidente. Com efeito, o onirismo do mito do vampiro foi bastante tonificado nos últimos cem anos. Revigorado e modalizado de diversas maneiras e em vários meios, permaneceu preso à aura simbólica da lenda codificada na Transilvânia (em torno do séc. XV) e recriada literariamente na obra de Bram Stoker (séc. XIX). Sem dúvida, o vampiro e suas imagens encontram-se impressos na geografia física e inconsciente, fincando-se como um dos mais populares dentre a inumerável plêiade de seres imaginários que “atuam” nas mentes de muitos povos.

Assim sendo, a lenda do vampiro pode ser vista como a fábula dos nossos dias, narrativa capaz de ilustrar com propriedade a solidão em que todos, de alguma maneira ou de outra, se encontram envolvidos. Tendo percorrido a geografia e uma linha do tempo – aqui nos interessa com mais vagar o ocidente –, pensamos que toda sociedade demanda o mito necessário numa esfera do espaço e em determinado tempo por razões nem sempre aparentes ou explicáveis, mas que, inquirindo com um olhar mais detalhista, conseguiremos apreender a gramática de como funciona o entorno do imaginário de determinado mito.

Dos muitos filmes tendo como referência o romance *Drácula* de Bram Stoker (1897), evocamos *Nosferatu* (1922), com Max Schreck, e *Horror de Drácula*, com Christopher Lee (1958).

Destarte, nos últimos anos, os filmes com a temática do vampiro foram sobejamente apresentados, alguns obtendo sucesso de bilheteria. Muitos logo se tornaram clássicos. Se cada época elege seus mitos preferenciais, com

certeza o vampiro integra a constelação de uma metáfora que salta aos olhos: a personificação do individualismo, da incapacidade de aprofundar relacionamentos afetivos, a errância e vagabundagem, mormente nas grandes cidades, enfim, o excesso de narcisismo que parece ter vindo para ficar, como um dos traços mais marcantes das últimas décadas, inscrevendo-se como algo irreversível da condição humana.

Quem sabe não seja repetitivo nos determos mais um pouco sobre o que aludimos há pouco. Vejamos. Acho que era bom se perguntar por que justo no século XX é que a lenda de um ser solitário, noturno e condenado a vagar pela eternidade, alimentando-se do sangue alheio, floresceu com tanta intensidade e se expressou em diversas manifestações artísticas, não apenas na literatura de entretenimento, mas, também, na arte do século XX por excelência: o cinema de caráter artístico ou de puro ludismo. Pensamos que o equivalente social, o empírico dessa representação, encontra-se na maneira como os homens estabeleceram e vivenciam seus relacionamentos interpessoais nas últimas décadas.

A errância dos solitários nas grandes metrópoles, os bares cheios de pessoas que saem de casa sozinhas em busca de companhia, a grande quantidade de gente sem nenhum projeto de vida, o grande número de descasados que não mais conseguem refazer suas vidas afetivas e saltam de galho em galho, os jovens zanzando aleatoriamente nos grandes centros comerciais, o uso generalizado das chamadas drogas ilícitas, enfim, tudo o que se enquadra num grande fenômeno de individualização das sociedades, constatado nos últimos dois séculos findos.

Podemos dizer que é da própria natureza do vampiro ser desassossegado, alguns não conseguindo aceitar sua ontológica solidão de errante *ad infinitum*. Como era de se esperar, a eternidade na qual o vampiro chanta sua existência produzirá um incomensurável tédio no morto-vivo, que precisa sugar o sangue alheio para poder sobreviver, ou seja, é o parasita por excelência.

Um vampiro ou outro, por razões temperamentais, pode até ser contido, *mas quando a noite vem com sua força/ (o corpo quer e pede), ele de novo sai¹* em busca de novas vítimas para saciar não apenas sua sede de sangue, mas também seu desejo de incorporar novos mortos-vivos às hostes de seres notívagos e insaciáveis. Nas suas errantes saídas pelas noites, o vampiro acaba por se defrontar com pares da mesma confraria, momentos nos quais

¹ Kaváfis (1998, p. 130).

ocorre um reconhecimento mútuo dos que já são. Com relação aos que têm uma tendência, há um tácito trocar de olhos denunciadores de uma esquisita atração e de uma curiosidade maior ainda. É aqui que entra o lado calculista e malicioso: sem nenhum escrúpulo, parte para, no contato com esse outro que fásca a chispa da curiosidade, desmoralizá-lo, deixando-o contaminado, o corpo e a alma, uma vez que fora destronado de sua antiga ancha condição de normal, pois o que se pensava intacto, de agora por diante, foi desconstruído. Quanto mais danados incorporar à “congregação”, melhor para essa alma atormentada, pois somente assim não se sentirá tão só. Mil vezes mal acompanhado do que só. Quem é nunca quer só ser.

Não custa lembrar que o vampiro é um bicho noturno. Pois muito bem, a capacidade de mimetizar-se ou travestir-se é uma das suas principais prerrogativas. A noite é sua comarca, caminhando com desenvoltura, fazendo rebrilhar um olho perscrutador e capaz de enxergar no escuro. À noite todos os gatos não são pardos? Desse jeito.

Contudo, o mito do vampiro sofreu várias transformações, adaptando-se ao vocabulário presente no mundo contemporâneo. Antes havia uma série de prescrições não apenas para identificar um vampiro, mas para combatê-lo. Ao se submeter à linguagem vigente nos tempos modernos, o vampiro adquiriu um novo vigor, fortalecendo-se e melhor expressando os discursos que se encontram velados na personagem e nos signos que o entornam, e que ficou associado ao conhecido como “terror”.

Enfim, o mito do vampiro parece ser muito mais uma metáfora da condição humana de solidão e abandono em que se encontram todos, como dissemos faz pouco.

Para relembrar um tanto. Vejamos: o livro de Anne Rice, *Interview with the Vampire* (1976), foi, na edição brasileira, traduzido pela escritora Clarice Lispector.

Este ensaio proclamará uma modesta contribuição aos estudos do mito e do funcionamento do imaginário no filme *Entrevista com o vampiro*, de Neil Jordan (1994), com músicas de Elliot Goldenthal.

Sim, já ia esquecendo, de outra parte socorro-me da literatura para explicar certos estados de alma ou situações nas quais estão envolvidas as personagens do filme, afinal, a literatura triunfou como forma de conhecimento, coisa que sempre se soube, porém não se admitia, pois jamais poderiam igualá-la ao mito, à religião, à filosofia ou à ciência.

Por fim, evocamos a letra da música de Caetano Veloso, “Os Argonautas”, que parece sintetizar esse espírito vampirizador tão difundido no século XX: /, o barulho / Do meu dente em tua veia.

Lua cheia: falando do filme

Gostaria de fazer um ligeiro comentário sobre o trecho do filme e do lugar ocupado pelas quatro personagens eleitas neste trabalho para ilustrar nossa interpretação.

No filme, tudo pontifica a beleza e o requinte. As cenas sugerem um caráter expressionista. Há uma certa tendência em se acentuar os elementos constituidores do cenário enquanto fato semiótico: o mobiliário, as indumentárias, a música; requinte com certo toque de barroco. Outra coisa é o propósito consciente de vestir as personagens de determinadas cores. Lestat, por exemplo, sempre aparece em matizes de azul, enquanto no personagem Louis preponderam o verde e suas nuances. Cláudia oscila entre as duas cores. O misterioso Armand está sempre de negro.

A belíssima música *Madeleine's lament* é uma homenagem à esposa de Louis, quando este vai ao cemitério prantear a morte da amada, embriagando-se de álcool, num gesto de profundo desespero de quem lhe escapou o maior bem – fatalidade capaz de destruir abruptamente uma relação de amor e completude. Seu semblante pesaroso e autodestrutivo maldiz a sorte do malogro de quem depositara numa relação amorosa o sentido da existência. Mancha indelével que o marcará para sempre, levando-o ao encontro com Lestat, no cemitério (lugar de mortos, não de vivos). Os eventos ocorrem em 1791, na Lousiana. Louis está com apenas vinte e quatro anos, homem feito, maturidade plena, administrando uma fazenda.

Ainda como parte da errância, como disse, Louis acaba por conhecer Lestat, numa taberna cheia de prostitutas. Sendo alvo da observação daquele, este sofre a mordida fatal, vindo a transformar-se em vampiro. Contudo, arrasta consigo um grande naco de humanidade, compaixão e dúvida acerca da sua nova condição.

O movimento de busca para explicar sua condição não é individual, mas inscreve-se dentro de um contexto mais amplo. Quero sugerir com isso que o grupo é que modela o individual. Somente mais na frente é que Louis compreenderá o crasso equívoco de tal caminho, pagando inclusive o preço de se confrontar com o que Émile Durkheim chamou de “consciência coletiva”.

Uma força esquisita que emana quando os homens se encontram juntos, formando hostes, com atos imprevisíveis. Dessa experiência, Louis sairá como perdedor, pois Cláudia, vampira-menina, é eliminada fisicamente junto com sua amiga por um vicioso grupo de danados, que nada tem a perder. Aliás, é próprio do vampirismo esse *nada a perder*.

Afora Louis, vampiro cheio de crises de consciência e conflitos interiores, sobretudo na prerrogativa de, ao se alimentar do sangue necessário para viver, incorporar a maior quantidade possível de “companheiros”, todos os demais são fortemente marcados pelo jogo pesado, ou seja, pelo desenfreado cinismo e frieza diante do outro. É interessante chamar a atenção para o fato de que quanto mais idoso o vampiro mais inescrupuloso e calculista é o seu comportamento de sanguinário em busca de novas vítimas e pares. Já não disseram que “envelhecer é envilecer”? Quem escutou Cartola, na despótica sensualidade da voz de Cazuza, compreenderá o hirsuto verso: *De cada amor tu herdarás só o cinismo*.

O vampiro vem a ser uma condição não escolhida pela vontade ou interesse, mas como uma fatalidade imposta pelo destino, como o caminho a ser seguido, e não uma trilha ou atalho no qual, se se quiser, um dia, volta-se à doxa – irremediável mal, ao que parece, para Louis.

Lua nova: Lestat de Lioncourt, o desesperado cínico ou o cinismo do desesperado

À exceção de Louis, todos os outros vampiros detêm uma característica de extroversão (Armand, Cláudia, Lestat), pois tentam resolver suas solidões a partir não do seu íntimo, quer dizer, a resposta ao fato de deter em si uma equação complexa e de difícil solução, a solidude – e seu respectivo conforto –, não está em si, mas tem como suporte o outro, objeto no qual obsessivamente demanda e busca uma eventual completude. Como era de se esperar, nenhum logra êxito na empreitada de aplacar seu vazio interior, nenhum consegue o sossego idealizado, haja vista que nunca ninguém foi solução para aplacar conflitos de outrem. Todo mundo sabe disso desde sempre.

Destarte, a danação leva a várias atitudes, desde a do cínico, que, em sua lucidez, se sabe irremediavelmente destruído e, com isso, empreende a cruzada odiosa de a tudo macular, não poupando nem sua autoestima, pois chega mesmo a se comportar, apesar de ter uma personalidade forte, como submisso, e, digamos, assumindo uma condição “feminina”; ao deparar-se com uma situação em que não sabe como se sair dela, procura tirar proveito e fruições do que se encontra à frente. Diverte-se no presente/futuro.

O cínico-canalha, sem nenhum escrúpulo, senão o de justificar para os outros que pode ser aparentemente feliz na sua desgraçada condição de vampiro, para alcançar seu objetivo não hesita em amealhar e organizar uma série de recursos de convencimento dos outros. É uma espécie de indiferença culposa, pois proclama ao mundo: “sou, mas fulano também é”. Esse é um artifício manipulado numa série de variantes consoante o freguês e a situação. Acontece que tal comportamento somente denuncia a não aceitação interior do que, no fundo, é uma mancha indelével (e ninguém melhor do que ele sabe muito bem disso, mesmo que seu discurso consciente o desmintam). Para Lestat, vale a inversão do adágio: “melhor mal acompanhado do que só”.

O vampiro Lestat usa toda uma sorte de expedientes baixos: ameaças, escândalos, agressões físicas e chantagens (o último é o pior e o mais miserável caminho de quem demanda afeto e atenção de outrem). Tudo isso com a exata consciência do que pratica: ser hediondo que a tudo conspurca, difundindo, por meio do terror, aquilo que recusa e que finge arrogantemente aceitar como natural. Incapaz de um nem que seja mínimo contentamento consigo mesmo, não leva nada a sério, tudo é deboche e ironia, pois não deseja ir sozinho para o inferno, vai mesmo é arrebanhar uma legião consigo.

Com efeito, o vampiro Lestat não tem o mínimo problema com nada nem com ninguém. É um ser frio, calculista, que apenas defende seus interesses, pouco importa o bem-estar alheio. Cínico e destrutivo, compraz-se horrores com a desgraça dos outros. Na verdade, não gosta de ninguém. É do tipo que fracassou e sabe que fracassará sempre, por isso já se adianta em fazer toda uma sorte de artimanhas para prejudicar o próximo. Seu apriorismo constitui uma espécie de vantagem perante os demais protagonistas no jogo de minimizar a solidão. Sonso e manhoso, arteiro, conhece toda sorte de estratégias para atingir o objetivo primacial, que é dominar aqueles com os quais trava algum tipo de relacionamento, manipulando-os para que sirvam de lenitivo à sua solidão. Faz qualquer negócio para não estar só, inclusive atingindo a suprema miséria chantada num lastro de simulação, inventando amores para si mesmo, engodo que serve de firme base para se autojustificar.

Tudo o que aludimos daqui para cima pode ser sintetizado, metaforizado, nas variantes do azul, visto ser a cor preponderante nas vestimentas de Lestat. Para Jung, no plano psíquico, é a cor do pensamento. Nada mais condizente com a maneira de ser de um dos mais antigos vampiros. Segundo o filme, além dos olhos azuis do ator Tom Cruise, constatamos o comportamento malicioso e calculista de quem nada tem a perder, compraz-se em se divertir às custas da desgraça alheia, numa atitude cínica que beira o

sadismo, o pensamento, a razão, o oportunismo, sendo o cálculo interesseiro o que o domina, nunca a emoção.

Lua quarto crescente: Armand, *taedium vitae* do *dèjà vu*, *dèjaconnu*, *dèjafaire*

O vampiro Armand (Antonio Banderas) é o líder de um grupo que habita os subterrâneos de uma igreja no centro de Paris. As ruas apresentadas sugerem que seja, provavelmente, uma cripta da igreja Saint Severin, situada entre o Museu Clunney e o rio Sena. Durante a noite, simulam um espetáculo de teatro de extremo realismo, representando a si próprios para um palco de mortais que não têm consciência de que o encenado coincide com a realidade – representação e realidade se confundem. O teatro é uma parte do seu drama existencial. Para Louis, a ida ao Velho Mundo se torna *Une saisonunenfer*, da sua longa *via crucis*. A Cidade Luz é somente trevas e decadência; já deu o que tinha que dar. Os vampiros levam o tempo em repetir *ad nauseam* seu comportamento, numa espiral viciosa que a nada conduzirá.

Como dizia, Armand é o mais *noir* de todos. O étimo do seu nome sugere sua atitude face ao mundo decrépito que o cerca; vem do teutônico: *homem do exército*, *homem de armas*. Desse jeito: calculista e determinado, egoísta, só pensa em campear, imperar sobre o próximo, defendendo seus interesses, com o intuito de banir sua solidão. O seu enfado e aborrecimento conduzem-no a um desprezo capaz de engendrar não um sujeito melancólico e recuado, ao contrário, sabe muito bem o que quer e onde quer chegar. Dissemina promessas e gestos, manhas e modos num quieto desespero para ver se safa-se da situação na qual se encontra.

Esse homem trigueiro, longos cabelos negros, olhar sagaz, sonso e malicioso, advindos de olhos perscrutadores e inquietos, como se procurassem eternamente estabelecer uma leitura do outro, mormente buscando um estereótipo ou lugar que ocupa na grande cena da vida. Fisionomia enigmática, contudo, não passa de aparência e dissimulação, algo de quem sabe o que quer. Diferente dos outros três vampiros louros, perfaz mais um tipo latino. Extremamente dissimulado, ou melhor, o mais dissimulado de todos, não hesita em fingir o que não é para buscar ter o frescor vital de Louis. Trapaceiro de marca maior, faz o que pode para convencer este de que é diferente dos demais. Fingido e hipócrita, dissimulado, não pensa duas vezes em usar qualquer meio para lograr êxito no que julga como a redenção pessoal de um mundo que já deu o que tinha que dar. Através do logro e de artimanhas, tenta se libertar de um mundo decadente e completamente exaurido (o teatro de

vampiros encenando no palco sua própria condição de danados, numa atitude de rebeldes sem nenhuma causa).

Ora, é interessante observar como o comportamento desse Armand três *gothique* assemelha-se curiosamente à maneira de ser dos franceses... contemporâneos! Cansaço físico e fastio metafísico. Tenta, coitado, se agarrar na primeira tábua de salvação que lhe aparece pela frente, no primeiro sinal de *vida* que lhe cruza. A tábua é Louis, novo e belo, perdido num conjunto tedioso e que já atingiu há muito seu fastígio. Em suma: aquilo que na experiência, depois de uma certa idade, e cumprida uma série de estações, limita-se a repetições e fadigas, entretanto o indivíduo não encontra a quietude tão avidamente buscada, e permanece insistindo numa coisa que já sabe de antemão fracassada, ficando a dar voltas em torno do mesmo ponto. Aqui temos um dos problemas mais alinhavados de paradoxos possíveis: a teimosia de cair nos mesmos erros.

Com uma memória rica em eventos, noitadas e envolvimento, o vampiro sabe previamente o percurso e o desfecho de uma história. É interessante lembrar que uma característica dos vampiros é a capacidade da telepatia: ler pensamentos de outrem. Não é à toa que o vampiro dificilmente erra ao lançar os dados da sedução, quase nenhuma presa escolhida recusa participar do jogo. O vampiro é raposa velha, acertando sempre, pois joga com a experiência e com a enorme intuição herdada dos animais. É um ser noturno por natureza, com o pardo que a noite imprime aos gatos. A noite conspira a favor dos desejos e prazeres do vampiro, na sua errância repetitiva nas trevas de noites sem novidades.

Assim sendo, basta olhar com acuidade para alguém ou para uma dada situação que lhe interessa e logo saca muito bem por qual fenda adentrar. Na verdade, quem sabe possamos aproximar essa aptidão à intuição, atributo universalmente relacionado à mulher e, como não poderia deixar de ser, é relacionada ao regime diurno da imagem. É típico do vampiro o olhar inquieto, vasculhando o tempo inteiro o seu *entourage*, como a querer dar conta de tudo, como a querer tirar proveito de tudo o que se passa nas cercanias. Vampiro é bicho que não perde tempo. Manhoso, leva o tempo inteiro a conspirar.

Com efeito, em todo canto que se encontra está colhendo informações, acumulando dados, inquirindo para saber se aquele vai lhe servir de acesso a alguma empreitada ou se tem potencialidade para vir a ser um novo vampiro. Fareja sempre o sangue fresco. Vampiro é louco pelo poder, pois sabe muito bem que é através do poder que ele engendra as melhores condições de

sobrevivência, estabelecendo alianças com aqueles que eventualmente o possuirão um dia. O poder também é o lugar da encenação por excelência. Ora, o que é um vampiro senão um ser que vive de representar e enganar para sobreviver, num eternamente farejar os bichos da sua espécie?

É esse clima decadentista que Louis abomina e parte para destruí-lo, visto que não passava de uma luminosa caricatura da sua condição e dos seus pares. Para um vampiro cheio de conflitos e virtuoso como ele, seria insuportável conviver com os extremos que esse tipo de vida podia chegar. Ao que tudo indica, o vampiro encontrou um espelho que o refletiu de maneira clara e nítida: a mundiça na qual estava metido.

Sabe que daquilo não passará: repetição e tédio. De maneira cruel e traiçoeira, não pensa duas vezes ao permitir que as hostes de vampiros que lidera eliminem sem piedade sua rival Cláudia – elemento que o distancia de Louis –, numa das sequências mais dramáticas e bem construídas do filme. Com a cumplicidade de Armand, Louis é enterrado vivo numa parede dos subterrâneos da igreja, sendo que, logo em seguida, é aquele que vai livrá-lo desse castigo imposto pelos outros vampiros. Porém, Louis não consegue salvar Cláudia, aprisionada com sua amiga no fundo de um poço, com abertura para o exterior. Sucedendo à lua, eis que vem a luz da aurora, transformando-as em duas estátuas de cinzas. Morrem abraçadas. É então que uma grande fúria se apodera do “diabo de cabelos louros”, ódio causado por finalmente ter perdido qualquer tipo de ilusão de saber que a tribo à qual pertence não tem ninguém que preste. Então, atea fogo no dormitório-cripta e, com uma foice nas mãos, encarnando a própria morte, sai arrancando cabeças e destruindo quem aparece na sua frente. O fogo a tudo consome. Louis sente-se redimido duplamente: por ter vingado a morte da sua namorada e por negar a condição desses vampiros falidos que, talvez, no futuro, poderia ser a sua.

Lua quarto minguante: Cláudia, a mulher como eterno brinquedo dos homens (o irremediável mal da “condição feminina” face ao âmbito do masculino)

Como sabemos, o vampiro permanece durante toda a eternidade com o corpo igual ao que estava no dia em que foi transformado em imortal pela mordida e pelo sugar daquele que lhe bebeu o sangue. Daí o fato de a personagem Cláudia (Kirsten Dunst) permanecer com o corpo de menina, mesmo tendo a alma de uma mulher extremamente intuitiva e maliciosa, sendo capaz de fazer uso de qualquer expediente para conseguir o que deseja.

O engraçado é que a vampira-menina Cláudia arrasta consigo o étimo do seu antropônimo. Falo da sua maldita condição de nunca poder ser a completude do outro. O étimo da palavra Cláudia quer dizer “coxa, manca, incompleta” – pessoa que não servirá de cara metade para ninguém. Como a maioria das mulheres – pois foram historicamente assim constituídas, condicionadas –, outorgará ao masculino o sentido da sua felicidade, padecendo a vida inteira devido a esse evidente fracasso, pois a quem delegou fazê-la feliz, Louis, este, coitado, não consegue nem dar conta de si mesmo. Assim, empreendem uma aliança de suas errâncias, numa cumplicidade que os faz buscar suas origens, como a tentar explicar o fato de serem o que são. O homem pelo menos, quase sempre através do trabalho, lugar no qual sublima grande parte da sua libido e das forças agressivas que repousam na sua psicologia mais profunda, busca sentido para sua existência por meio de disputas e batalhas, para aplacar suas vaidades.

É a velha história da mulher querendo ser esperta e entrando pelo cano no final, pois sucumbe à patifaria generalizada do mundo masculino, já que os homens são mais ardilosos, mais fortes e bem mais capazes de usar toda e qualquer arma que estiver à mão e, como desde que o mundo é mundo, mais cúmplices e camaradas entre si. O fracasso irremediável de Cláudia era mais do que esperado. Somente sendo muito ingênua para não prever o desfecho da história. Sem dúvida, Louis se compadece dela, porém nada pode fazer diante da frieza e do pouco caso que faz o grupo de vampiros do amor dessa menina-mulher para com seu amado-amigo, mesmo porque dentro da ética vampiresca eles detêm um trunfo contra a vampira-menina. Não foi ela que tentou matar um da mesma espécie, Lestat? Crime imperdoável para uma confraria-gueto plena de vícios e ansiosamente buscando um bode expiatório para se divertir, quebrando o tédio de não serem morituros.

Vale lembrar que essa sequência é uma das mais dramáticas do filme. Cláudia conspira de maneira maliciosa e traiçoeira contra seu rival (e pai...!) Lestat, não hesitando, inclusive, em tentar eliminá-lo fisicamente. Paradoxalmente, aqui, ocorre a sugestão de uma mente dita masculina: prática, funcional e pouco dada a reflexões quando visa algo que lhe é conveniente. Deixa-se levar por seu capricho, pouco importando os meios para alcançar o objetivo de ficar ao lado do amado, quer é saber se consegue eliminar o que impede a exclusividade do objeto amoroso.

Talvez a situação de Cláudia seja a mais triste de todas. Sua ingenuidade face à esperteza de vampiros antiquíssimos e tarimbados no jogo da vida leva-a inexoravelmente à derrocada. Muitas mulheres são apenas um

objeto nas tramas masculinas. Mesmo tendo em Louis um pai-aliado-amante, este não consegue evitar a fúria destrutiva dos demais parceiros. Aqui podemos retomar a interessante noção de “consciência coletiva”, de Émile Durkheim, ao propor um comportamento diferente das pessoas quando se encontram juntas, num grupo, para impetrar algo que não fariam se estivessem sozinhas.

O caso de Cláudia é dos mais interessantes² e também dos mais complexos, visto que é formado de muitas variantes, bifurcando-se em dois vetores básicos. Primeiro porque propõe assassinar Lestat, amigo íntimo do seu amante Louis. Depois, quando gora essa tentativa, pois o vampiro, é obvio, não pode morrer, é eterno, implora numa sequência de grande dramaticidade para que Louis transforme sua amiga numa vampira (mulher que perdera uma filha parecida com Cláudia, sendo assim, esta permaneceria como uma “mãe”, já que sabia ela da ameaça de separação que recaía sobre os dois; a mulher, por sua vez, teria preenchido o lugar da filha perdida nas esquinas da vida). Amedrontada com o fato de vir a ficar sozinha, implora que Louis pelo menos a deixe na companhia de alguém. Teme a solidão como um irremediável mal, uma vez que não pode tolerar a si mesma se não for com alguém do lado.

Sua situação é extremamente trágica, pois parece ter a exata consciência da impossibilidade de aceitar sua solitude, de aquietar-se no seu canto, de tentar superá-la por seus próprios meios. Desespera-se, numa atitude de implorar ao homem que ama, já prevendo que permanecerá sozinha devido às confusões interiores do seu amor³. Miséria afetiva pior não há: pede a pessoa que a abandona para lhe deixar um substituto. Todavia, sucumbe no jogo pesado de interesses dos vampiros masculinos mais antigos e mais experientes na arte de seduzir e trapacear. Na sequência, é eliminada junto com sua amiga pelos raios de luz que adentram no poço no qual foram trancafiadas pelo grupo de vampiros (ao que parece, havia uma secreta inveja, cortavam ciúme, da amizade de Louis com Armand; de outra parte, a trupe de vampiros queria puni-lo pelo fato de ele ser diferente deles; ora, o humano não perdoa quando alguém é um ser dissonante, detendo um comportamento diferente, sendo espécie de testemunha de vista contra aqueles que afinam seu jeito de ser pelo mesmo diapasão). Ambas são reduzidas a pó. Esculturas de cinzas, as duas, abraçadas, que o vento desfaz diante dos olhos culpados de Louis. A luz do dia tratou de desfazer o sonho ingênuo de Cláudia, sonho, ao que parece, que só podia sobreviver nas sombras da noite, em que os contornos não são exatos.

² Há uma personagem no filme *Querelle* que se encontra no mesmo arquétipo de Cláudia. O narrador, em *off*, diz: “pois ela sabia muito bem que o melhor estava entre eles”; e canta, dolente e escanteada, mais ou menos assim, Madame Lysiane (Jeanne Moreau): “todo homem mata aquilo que ama: da-da-da / da-da-da-da...”.

Na verdade, a personagem Cláudia não passava de uma menina pouco experimentada nas infundáveis artimanhas do mundo vampiresco. Aprendiz de feiticeira, pagou com sua vida ao querer participar de um mundo que não estava apta a ser atriz: jogo de disputas, rancores e acertos de contas, no qual os homens jamais se furtam, pois é sua própria natureza: produzir um rival para o permanente embate, mesmo que seja pelo puro gosto de pelejar. Apesar de se vestir como *dame*, acabou por encontrar gente mais esperta e maliciosa que ela. A forma como permaneceu congelada – o corpo de uma criança feita de cinza – não passava do seu conteúdo. Foi uma destruição sem inevitável, em que o vento da manhã soprou funestamente a leveza da cinza. Forma desfeita perante o olhar compadecido e extremamente melancólico do seu antigo companheiro de viagens e orfandade. Louis não apenas porta o luto, mas mastiga a erva amarga da vingança.

O que fora frouxo e covarde, o que riscara no seu imo os sulcos da dúvida agora é o outro ser, pois não deixará por menos mais essa tragédia pessoal, resultado do convívio com seus pares. Definitivamente desencanta-se com sua nova tribo. Como ficou claro durante toda sua trajetória nesse submundo, fora sempre uma dissonância. A ovelha negra do rebanho, atormentado pela permanente e contumaz indagação: *De que bando eu sou? Vi que de nenhum*. Sem dúvida, Louis não se identifica com os pares da tribo à qual pertence. Não se contenta em apenas se afastar e imprimir uma indiferença, mas parte para implodir o reduto dos vampiros. Sem muito refletir, ateia fogo na imensa cripta onde se encontram os sarcófagos e caixões repletos de vampiros adormecidos.

Em suma, Louis conclui que o problema não era/estava em determinada pessoa, Lestat, mas é algo mais amplo e pior: é a própria natureza do vampiro, ou melhor, é a própria natureza humana. Conclui que não pertence à tribo alguma: está só no mundo, como todo mundo.

Eis que se instalam a cólera e o desejo de pôr fim àquela confraria suja e decadente. Com uma foice na mão, instrumento para ceifar, uma fúria demoníaca nos coruscantes olhos, encarna a morte. Não pensa duas vezes em destruir esse antro de seres pérfidos e viciados, visto que não se identifica nem um pouco com aquele *modus vivendi* contrário aos valores da sua fisionomia psicológica e comportamental. Parece querer dar um basta ao círculo vicioso em que entrara sem muita consciência do que estava ocorrendo, sem saber do jogo perigoso que seria obrigado a travar com os outros vampiros.

⁴ Rosa (1982, p. 205).

Decididamente, Louis não foi bafejado pela sorte. Entrou numa relação doentia e não soube mais sair. Esparrela complicada, edificada sobre bases as mais baixas que o humano pode tecer para fugir de sua miséria existencial, sobretudo uma solidão da fundura de uma cacimba de areia, nunca possível de ser aplacada. Dor de sabê-la apenas momentaneamente atenuada. Relação-arapuça, quase impossível de ser rompida, de tão emaranhada se encontrava, plena de tantos elementos antípodas, sentimentos esquisitos, sem nome. E que só mesmo fugindo dela, indo para o outro lado do mar, é que poderia cair fora daquele enlilhado de sentimentos, interesses e absurdas contradições. Ora, ironicamente um vampiro que não aceita sua condição de danado vai cair justo numa relação de um vampiro que faz questão de assumir que sua vida eterna tem a função de mais e mais incorporar pares à confraria, mesmo que, no fundo, não assuma de bom grado sua condição de vampiro. O discurso consciente, mormente quando revestido de estardalhaço, é o campo por excelência da mentira, do engodo e de astuciosas racionalizações defensivas que permitem uma personalidade se manter em relativo equilíbrio.

Na verdade, o que parecia haver entre Louis e Cláudia era uma relação incestuosa, uma vez que ambos encontraram parcerias relativas a um parentesco mais próximo. Louis era o pai adotivo de Cláudia, esta, por sua vez, mulher-amante-amiga-filha. Com tantos elementos antípodas contidos, jamais alcançariam um relativo equilíbrio.

Sim, nenhum atingiria o outro, perdidos ambos que estavam na complexa teia que se articulava entre os dois. Procuravam no outro o que o outro não poderia vir a ser, nunca. Como poderia Cláudia substituir o afeto de sua antiga esposa morta se Louis era o “pai” dela? (foi ele que a “batizou” como vampira, adotando-a como espécie de filha-amante). Por sua vez, Cláudia está à procura de um pai, de alguém que a acolha e proteja, pois seu pai não faz parte de nenhuma cena do filme, encontrando-se vinculada tão somente à mãe.

Seria muito difícil Cláudia atingir Louis. Ambos amavam sem jamais conseguir a posse integral do seu objeto do desejo. É mister esclarecer esse ponto com mais vagar. Vejamos a atitude de Cláudia logo que toma consciência da ascendência de Lestat sobre Louis, sabe que os dois excedem a expectativa dita normal da amizade, que traços de esquisita feitura os une, inclusive o ódio mútuo.

Cláudia lembra a personagem Madame Lysiane, de *Querelle*⁵, recriada pelo cineasta Werner Fassbinder, no filme homônimo, e que canta palavras dolentes em mais uma manifestação da universalmente, é o que muitos dizem,

⁵ Genet (1986). Na página 263, encontramos: “Cada vez mais ela estava fora do jogo. O mais belo, o mais monstruoso realizava-se sem ela”.

conhecida inveja feminina da cumplicidade e camaradagem dos homens. Não há coisa pior para uma mulher do que ser trocada por uma pessoa do sexo oposto. Arditamente os homens invertem a situação, fazendo-as crer que elas é que são incompetentes como mulheres. Há uma música – “Eu sou a outra” – cuja letra expressa muito bem a situação da mulher acusada por não ter competência de segurar seu homem: *trago o coração ferido / mas tenho muito mais classe de quem não soube prender o marido...* De vítima, passa a ser culpabilizada – inversão perversa e preconceituosa contra as mulheres.

Assim como Madame Lysiane, Cláudia também se equivocara ao depositar no outro a expectativa de resolver sua solidão. Em suma, agira como todo mundo age. Não quisera aprender a lição proclamada pela vida em cada experiência, em cada fracasso de amor ou amizade. No final das contas, *que se há de fazer com a verdade de que todo mundo é um pouco triste e um pouco só*⁶.

Lua nova: Louis, o encontro consigo mesmo ou as sóbrias alvissaras do zen

*Sempre reclamando da vida/
me ferindo, me queimando*
(Rita Lee)

Não esquecer que Louis de Point Du Lac (Brad Pitt), vampiro com 200 anos de idade, cedo compreendeu que para se desvencilhar da solidão, quer dizer, aplacá-la, teria que de alguma maneira desumanizar-se, sendo que o espelho dessa coisificação é o seu companheiro Lestat, resumo de tudo o que ele julga como odioso, cínico e contrário a si. Companheiro-inimigo capaz de manganhar o tempo inteiro dos seus conflitos íntimos, sem a mínima compreensão ou piedade, não perde uma oportunidade de passar na cara as fragilidades do amigo, proclamando frases ácidas com o intuito de ferir o outro: “Vampiro lamurioso e covarde”; “Meu filósofo, meu mártir”. Esse comportamento destrutivo para com quem se ama nos leva a supor o quão sacana é Lestat, pois se vale de uma ética perversa, contempladora do amor como sentimento dúbio: quer e não quer, odeia e quer bem, depende do outro, contudo não consegue se desvencilhar das vicissitudes as quais passou, conformando uma atitude cínica por excelência.

Ora, não à toa Louis vai dizer em certa passagem: “Eu estou com medo de mim”. O inimigo estava no seu interior, era ele mesmo, com sua

⁶ Lispector (1981, p. 50).

incapacidade de obliterar sua inadequação face ao estabelecido, diante do código ancestral dos vampiros. Que coisa mais curiosa: esse vampiro pleno de crises existenciais, confuso e que não sabe o que quer, assemelha-se muito ao personagem Riobaldo de *Grande sertão: veredas*, numa eterna procura de saber o que se passava direito no seu imo, de saber as razões de uma paixão interdita por suas próprias leis internas.

Vejam alguma coisa bem interessante do ponto de vista semiótico. Louis veste-se com a cor verde, atributo que lhe imprime, segundo Jung, a semântica dessa cor que, considerada do ponto de vista psicológico, indica a função do real, as relações entre aquele que sonha e a realidade que o circunda. Nada melhor para caracterizar um ser que não se aceita: a incompatibilidade entre o real e os valores internos de alguém, sendo que, de certo modo, Louis, por ter medo da solidão, acaba por vivenciar uma espécie de comportamento impulsionado por Lestat, que deveria ser a pessoa responsável por preenchê-lo, banindo a solidão. Além disso, o verde é a cor do crescimento, do que evolui, no caso, interiormente, sendo o que sucederá ao final.

Nosso protagonista é um notável exemplo do que pode conduzir a não superação do luto. Persistindo preso à depressão e ao passado, incapaz de transferir suas energias para um outro objeto amado, afunda-se na melancolia e na bebida. É interessante remarcar que foi justo por meio do estado do luto não superado que acabou como presa de Lestat, organizado que se encontra nas imagens colocadas ao pé do túmulo da amada e do filho.

Louis, na sua danação eterna, está condenado a não compreender que a consciência da finitude das coisas é o primeiro passo para encetar uma forte aliança consigo mesmo, visando o equilíbrio interior outorgante da paz de prosseguir vivendo, apesar da sua maldição de imortal.

*A tempestade é em mim*⁷

A busca de Louis é a de todo mundo, essa tarefa árdua e cheia de percalços e dissabores, fazendo com que muitos, que não são insistentes ou estoicos, abandonem pelo caminho e se deixem permanecer na impotência e na indiferença. É aqui que o social age com implacável rigor de muro intransponível e marchetado de arquétipos e invariantes, demandando serem preenchidos pela desgraça alheia.

Ora, é bom observar que Louis entrou no mundo do vampirismo por puro acaso, como se fosse algo que não o integrasse. Estava perdido, atrapalhado, sem rumo. Ao cruzar com Lestat – enganosa tábua de salvação –,

⁷ Brito (1978, p. 31).

foi em frente, mesmo pleno de contradições; e o pior: consciente de tê-las no seu íntimo. Era uma coisa que não condizia com seus valores internos, porém prosseguia preso a um espelho que refletia seu lado monstruoso e que negava o tempo inteiro: Lestat. O fato de ter se tornado vampiro talvez tenha mais a ver com sua procura de substituir o afeto causado pela perda da esposa. Adentrou por uma relação complicada por pura carência. Tipo assim, vamos dizer, “um acidente de percurso”, como costuma ocorrer com todo mundo em alguma situação difícil da vida, só que, depois, toma um alcance nem sempre esperado.

– É então uma maldição – indaguei. Ela não respondeu; não havia que responder: era uma maldição⁸

É aqui que o social age com implacável rigor de muro intransponível e marchetado de arquétipos e invariantes, demandando serem preenchidos pela desgraça alheia. A deusa Hécate, no fundo da sua caverna, compraz-se com a dor emanada do sofrimento humano. Será coincidência o fato de ela também ser a deusa das encruzilhadas?

Não tendo cumprido o luto da perda da esposa, não poderia ter êxito numa nova relação, pois a fase do nojo não fora palmilhada. Tipo assim, vamos dizer, “um acidente de percurso”, como costuma ocorrer com todo mundo em alguma situação difícil da vida. Entrou na arapuca, depois não sabia mais como sair dela. Quem sabe não caberia ao jovem vampiro, com sua lucidez, a paradoxal legenda que, usando a metáfora da luz, serviria como representação do vampiro louro:

Eu vos pergunto: – Qual é o peso da luz?⁹

Lua, testemunha da história: conclusões

Os versos do poeta Fernando Pessoa, via heterônimo Álvaro de Campos, parecem de maneira notável sintetizar o paradoxo, os conflitos advindos da condição de ser vampiro, eterno parasita do sangue alheio:

*Em paradoxo e incompetência astral
Eu vivo a vincos de ouro a minha vida,
Onda onde o pundonor é uma descida
E os próprios gozos gânglios do meu mal¹⁰.*

⁸ Beauvoir (1989).

⁹ Lispector (1981, p. 104).

¹⁰ Pessoa (1986, p. 236).

Bem resume o último verso: o que causa prazer, o que alimenta o vampiro fisicamente é o tumor que o devora, contradição bastante difícil de ser administrada, pois o corpo que demanda o prazer, o lugar mental dessa busca, coincide com o que julga, face à sua conduta diante da vida, como grande mal sem conserto ou cura. A enfermidade contém o fulcro proporcionador do prazer. Ninguém suporta tal situação. Mais cedo ou mais tarde explodirá, gerando uma fístula num lugar errado, implicando, muitas vezes, quem não tinha nada a ver com a história.

Vamos encerrar por aqui.

O equilíbrio e a sobriedade de Louis ao visitar Lestat, vampiro medroso, inseguro e cansado, enrolado num grosso cobertor, como a sentir frio e desamparo, têm uma grande significação no contexto do filme. É interessante chamar a atenção para o fato de o antigo amigo de Louis insistir para que o companheiro de aventuras permaneça, suplicando insistentemente sua companhia. O peremptório negativo da resposta de Louis deixa bem claro que não há espaço para reconsiderar nada. A forma atual é a definitiva. É isso que sugere a negativa seca e tranquila.

É muito curioso o fato de ele retornar ao passado numa atitude de apalpar-se, como a querer provar a si mesmo a superação da antiga e perturbadora angústia existencial. Está sereno, polido e respeitando o velho amigo. Conhecedor do bem e do mal, aceita a existência como inerentemente trágica. Sabe que a solidão só pode vir a ser superada por uma aguda consciência de que desde sempre a morte, a velhice ou a doença são integrantes da condição humana. Ao que parece, o velho adágio da sabedoria popular “o que dói cura” se aplica muito bem à experiência de vida do vampiro louro.

Tenho para mim que a visita de Louis a Lestat aponta para algo bastante interessante. Será que Louis não queria se certificar, quero dizer, testar a si mesmo ao se confrontar com um antigo amigo de caminhadas errantes da sua conquista, da sua nova maneira de encarar a vida, aceitando a solidão como inerente à condição de todos? Não parece ir até a velha casa abandonada para debochar do velho Lestat. Tanto é que entra e sai com uma altiva dignidade de quem teve a *Bonheur d'une paix sans victoire*, como diria o poeta Paul Verlaine, ou seja, como alguém que atingiu o equilíbrio sem que para a consecução dele fosse necessário passar por cima de alguém ou renunciar partes de si mesmo. Há toda uma aceitação da condição humana de impermanência e solidão da qual todos são dotados e conclamados a resolver. Quer queiram, quer não.

Enfim, nossas conjecturas nos levam a afirmar que o mito do vampiro e suas inúmeras modulações em diversas manifestações artísticas do século XX se constituem como material relevante para a compreensão do comportamento e da mentalidade de um homem que adentrou por um caminho estreito e desconfortável, que se compraz numa impaciente avidez excessiva, limitando-se a explorar o próximo, sugando o que este tem de melhor. Pensando numa vida mais prática, abandonou o sentimento da amizade, do companheirismo, de uma socialidade sadia e edificante.

Com efeito, Louis conseguiu definitivamente a superação de si, podendo afirmar *Agora eu me sou, apesar e separadamente de ti*¹¹. O atormentado vampiro venceu as trevas mais escuras e sombrias: as interiores – aquelas que nos fazem temer o que se encontra do lado de fora, aquelas que nos levam atrocemente para o “melhor mal acompanhado do que só”. O vampiro louro, enfim, apurou sua alma na solidão e no acúmulo de reflexões deixadas pela errância nas noites de orgias repisadas.

Eis, por meio da poesia, uma síntese do estado alcançado por Louis:

Porta fechada.

Me deito no silêncio.

Prazer da solidão (Bashô).

¹¹ Linspecter (1983).

Referências

- AIDAR, José Luiz; MACIEL, Márcia. *O que é vampiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1977. (Coleção Tópicos).
- _____. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BEAUVOIR, Simone de. *Todos os homens são mortais*. 6. ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BRITO, Mário da Silva. *Suíte em dor maior*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 7. ed. Tradução de Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- COELHO, Paulo; LIANO JÚNIOR, Nelson. *Manual prático do vampirismo*. Rio de Janeiro: Mandarin, [1985?].
- DURAND, Gilbert. *Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas*. Tradução de Nuno Júdice. Lisboa: A regra do Jogo, 1983.
- _____. *Beaux-arts e tarchétypes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GENET, Jean. *Querelle*. 2. ed. Tradução de Demétrio B. de Oliveira e Jean Marie L. Remy. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do inconsciente*. Tradução de Maria Luíza Appy. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *O espírito na arte e na ciência*. 3. ed. Tradução de Maria de M. Barros. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *A vida simbólica: escritos diversos*. Tradução de Araceli Elman et al. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. (Org.). *O homem e seus símbolos*. 17 impressão. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luíza Appy et al. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas*. 4. ed. Tradução de José Paulo Paes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- _____. *Reflexões sobre poesia e ética*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Ática, 1998.

LECOUTEUX, Claude. *História dos vampiros*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

LISPECTOR, Elisa. *Corpo a corpo*. Rio de Janeiro: Antares; INL, 1983.

MCNALLY, Raymond T. *Drácula: mito ou realidade?* Tradução de Pedro L. Gomes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MELTON, J. Gordon. *O livro dos vampiros (A enciclopédia dos mortos-vivos)*. São Paulo: M. Brooks, 2003.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.